
Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique o número das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Questão 01 (Valor: 20 pontos)

FRAGILIDADE

Este verso, apenas um arabesco
em torno do elemento essencial – inatingível.
Fogem nuvens de verão, passam aves, navios, ondas,
e teu rosto é quase um espelho onde brinca o incerto movimento,
ai! já brincou, e tudo se fez imóvel, quantidades e quantidades
de sono se depositam sobre a terra esfacelada.
Não mais o desejo de explicar, e múltiplas palavras em feixe
subindo, e o espírito que escolhe, o olho que visita, a música
feita de depurações e depurações, a delicada modelagem
de um cristal de mil suspiros límpidos e frígidos: não mais
que um arabesco, apenas um arabesco
abraça as coisas, sem reduzi-las.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). **Carlos Drummond de Andrade**: obra completa: poesia. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p. 154-155.

Na seleção dos signos verbais, o sujeito poético cria metáforas estabelecendo analogias entre elementos distintos. Na linguagem de Drummond, “isso é aquilo”.

Identifique e transcreva uma das analogias referidas, explicando-a com base no contexto do poema.

Questão 02 (Valor: 15 pontos)

Seixas era homem honesto; mas ao atrito da secretaria e ao calor das salas, sua honestidade havia tomado essa têmpera flexível da cera que se molda às fantasias da vaidade e aos reclamos da ambição.

5 – Era incapaz de apropriar-se do alheio, ou de praticar um abuso de confiança; mas professava a moral fácil e c moda, tão cultivada atualmente em nossa sociedade.

Segundo essa doutrina, tudo é permitido em matéria de amor; e o interesse próprio tem plena liberdade, desde que transija com a lei e evite o escândalo.

ALENCAR, José de. Senhora. In: **José de Alencar**: ficção completa e outros escritos. 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965. v. I. p. 696.

Os conectores “mas” (l. 1), “mas” (l. 5) e “desde que” (l. 8) introduzem nos enunciados argumentos que restringem as declarações anteriores.

Justifique essa afirmativa, explicitando o valor semântico desses conectores.

Questão 03 (Valor: 15 pontos)

I. CIDADE DE DEUS — filme de Fernando Meirelles.

Em um dos locais mais violentos do Rio de Janeiro, um jovem pobre e negro consegue escapar do mundo do crime, tornando-se fotógrafo profissional.



Recorte do pôster do filme Cidade de Deus. Disponível em: <<http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/cidade-de-deus/cidade-de-deus.htm>>. Acesso em 23 ago. 2006.

II. Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se. Agora tinha tido a idéia de aprender uma palavra, com certeza importante porque figurava na conversa de sinha Terta. Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria invejoso.

— Inferno, inferno.

Não acreditava que um nome tão bonito servisse para designar coisa ruim. E resolvera discutir com sinha Vitória. Se ela houvesse dito que tinha ido ao inferno, bem. Sinha Vitória impunha-se, autoridade visível e poderosa. Se houvesse feito menção de qualquer autoridade invisível e mais poderosa, muito bem. Mas tentara convencê-lo dando-lhe um cocorote, e isto lhe parecia absurdo. Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangavam, pensava até que a zanga delas era a causa única dos cascudos e puxavantes de orelhas. Esta convicção tornava-o desconfiado, fazia-o observar os pais antes de se dirigir a eles.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 74. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 59-60.

Do ponto de vista social, não poderia ser maior a distância entre os meninos do grupo de Zé Pequeno — Cidade de Deus — e os meninos da família de Fabiano — Vidas Secas. Em ambas as obras, eles são produtos de espaços e momentos históricos distintos.

Justifique essa afirmação, apoiando o seu ponto de vista em elementos das duas obras, demonstrando que elas representam leituras distintas da realidade brasileira.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

A decepção, porém, demorou dias. Cavalcanti, o noivo de Ismênia, informou que nas imediações morava um literato, teimoso cultivador dos contos e canções populares do Brasil. Foram a ele. Era um velho poeta que teve sua fama aí pelos setenta e tantos, homem doce e ingênuo que se deixara esquecer em vida, como poeta, e agora se entretinha em publicar coleções que ninguém lia, de contos, canções, adágios e ditados populares.

Foi grande a sua alegria quando soube o objeto da visita daqueles senhores. Quaresma estava animado e falou com calor; e Albernaz também, porque via na sua festa, com um número de *folklore*, meio de chamar a atenção sobre sua casa, atrair gente e... casar as filhas.

A sala em que foram recebidos, era ampla; mas estava tão cheia de mesas, estantes, peçadas de livros, pastas, latas, que mal se podia mover nela. Numa lata lia-se: Santa Ana dos Tocos; numa pasta: São Bonifácio do Cabresto.

— Os senhores não sabem, disse o velho poeta, que riqueza é a nossa poesia popular! que surpresas ela reserva!... Ainda há dias recebi uma carta de Urubu-de-Baixo com uma linda canção. Querem ver?

O colecionador revolveu pastas e afinal trouxe de lá um papel onde leu:

*Se Deus enxergasse pobre
Não me deixaria assim:
Dava no coração dela
Um lugarzinho pra mim.*

*O amor que tenho por ela
Já não cabe no meu peito;
Sai-me pelos olhos afora
Voa às nuvens direito.*

— Não é bonito?... Muito! Se os senhores conhecessem então o ciclo do macaco, a coleção de histórias que o povo tem sobre o símio?... Oh! Uma verdadeira epopéia cômica!

Quaresma olhava para o velho poeta com o espanto satisfeito de alguém que encontrou um semelhante no deserto; e Albernaz, um momento contagiado pela paixão do folclorista, tinha mais inteligência no olhar com que o encarava.

BARRETO, Lima. Triste fim de **Policarpo Quaresma**. 15. ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 35.

Com base na leitura da obra, comente o fragmento destacado, relacionando-o com o projeto de “Reformas radicais” do Major Quaresma.

Questão 05 (Valor: 20 pontos)

I. A MOÇA DOS PÃEZINHOS DE QUEIJO

Na vizinhança de três quarteirões, se alguns se referem aos pãezinhos de queijo do Largo da Palma, todos comentam a delicadeza de quem os vende. Moça de dezoito anos, cabelos de carvão que chegam aos ombros, olhos também negros que combinam com a pele amorenada, Célia sempre usa blusas apertadas que denunciam os pequenos seios. A parede de fundo, atrás do balcão, é branca porque pintada de cal. Frente a essa parede, a vender no balcão os pãezinhos de queijo, Célia mais embeleza a sua própria beleza. E para muitos, talvez por causa do riso alegre, a sua voz é tão macia quanto os pãezinhos de queijo.

Doce e macia, ao lado do riso alegre, a voz da moça é música melhor de ouvir-se, nas manhãs de domingo, que o próprio órgão da igreja. Todos dizem, no sobrado inteiro, que é como um trinado de pássaro. [...]

ADONIAS FILHO. A moça dos pãezinhos de queijo. In: **O Largo da Palma**: novelas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 10.

II. O LARGO DE BRANCO

O pacote com farelos de milho. Voam os pombos quando Eliane, aproximando-se, abre o pacote com as mãos trêmulas. O sol anuncia dia claro na manhã de junho. Tamanho o nervosismo que rasga o pacote e, lançando os farelos no pátio da Igreja da Palma, vê que

os pombos retornam para apanhá-los. Bom, como seria bom se fosse um pombo! Não ter que falar, esconder-se como uma ladra, não depender de ninguém. Não ter principalmente qualquer consciência e muito menos buscar explicação para as coisas da vida. E, sobretudo, de sua vida de mulher. Comer os farelos de milho no passeio, voar acima das ruas e da multidão, abrigar-se nas árvores e nos beirais. [...]

ADONIAS FILHO. O largo de branco. In: **O Largo da Palma**: novelas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 31.

Compare os fragmentos **I** e **II**, considerando-os no contexto do qual foram extraídos, e comente os perfis de Célia e Eliane, explicitando, inclusive, o foco narrativo que apresenta as duas personagens.

Questão 06 (Valor: 15 pontos)

I. O PENSADOR. (1879-1889). Auguste Rodin.



RODIN, A. O Pensador. Bronze. In: JANSON, H. W. **História da arte**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 638.

II. Penso em pessoas que sobreviveram ao que experimentei na cadeia e tento adivinhar o que estaria passando nas suas cabeças e o que estaria acontecendo nas suas vidas. Perco tempo a multiplicar o número de pessoas em estado semelhante ao meu. Faço-o com intuito de minimizar a importância que querem dar à minha vida de perseguido político. Essa importância é o privilégio que serviria para diferenciar-me dos demais intelectuais brasileiros. São os meus amigos (e agora “companheiros de luta”) que querem agigantar o meu valor com o intuito de tornar-me líder, bandeira a arregimentar pessoas insatisfeitas com a perseguição aos comunistas, orientada pelos militares fascistas desde a revolução de 35.

Não quero desapontá-los. Não quero endeusar-me. Vejo que têm o direito de falar o que falam e até mesmo de exigirem de mim, comportamento, palavras e críticas, compatíveis com o sofrimento por que passei injustamente. Não sou homem de fugir às responsabilidades.

Receio, e chego a temer nos piores momentos, é que queiram — no fundo — reduzir-me à condição de eterno enjaulado, de vítima para todo o sempre. Dizem que lutaram pela minha liberdade (e eu lhes agradeço de todo o coração), mas não querem deixar-me gozá-la. É contra isso que me insurjo, lutando para não acreditar nos elogios descabidos. Toda e qualquer luta política que repousa sobre a prisão e o ressentimento conduz a nada, no máximo a uma ideologia de crucificados e mártires, que terminam por ser os fracassados heróis da causa.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**: uma ficção de Silviano Santiago. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 56-57.

A partir da leitura das duas obras — “O Pensador”, de Rodin, e o romance “Em liberdade”, de Silviano Santiago, — indique os aspectos em que elas se aproximam quanto à temática.

Justifique o seu ponto de vista, embasando-se, sobretudo, no fragmento transcrito (**II**).
